

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAMPINAS

1987

REGINA MARIA ALVES DE GODOY MAGNANI

Este exemplar constitui a redação final da
tese de Dissertação (para o mestrado)
defendida por Regina Maria Alves de
Godoy Magnani e aprovada pelo Conselho
Julgador em 8/6/87.

L. V. Tragtenberg

ROBERT OWEN: FÁBRICA, ESCOLA E AUTOGESTÃO ADMINISTRATIVA

Dissertação apresentada à Facul-
dade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, para obten-
ção do grau de mestre na área de
Administração e Supervisão Educa-
cional.

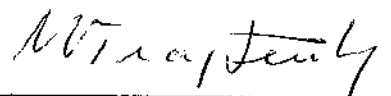
Orientador: Prof. Dr. Maurício Tragtenberg

UNICAMP

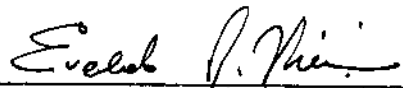
1987

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

COMISSÃO JULGADORA



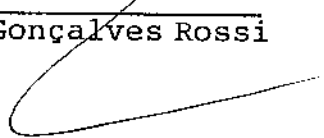
Prof. Dr. Mauricio Tragtenberg



Prof. Dr. Evaldo Amaro Vieira



Prof. Dr. Wagner Gonçalves Rossi



Trabalho realizado com bolsa da
Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior
(CAPES) do Programa Institucio-
nal para Capacitação de Docen -
tes (PICD).

DEDICATÓRIA

A meu pai Renato
professor com uma vida dedicada
a uma educação libertadora e
primeiro leitor do texto.

A minha mãe Maria
por seu amor e dedicação.

A meu marido Antonio Fernando,
com amor, por ser o amigo
e companheiro.

A meus filhos Patricia Maria
Carla Maria e
Marcelo
por amá-los tanto.

A meu sogro Hugo (in memoriam)
pelo exemplo de vida.

A minha sogra Amélia
pelo carinho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Maurício Tragtenberg,
verdadeiro mestre, pela orientação e
convivência acadêmica que foram es-
senciais na redação do texto.

Ao Prof. Dr. Wagner Gonçalves Rossi,
professor e amigo, que despertou em
mim o gosto pela pesquisa na área de
Educação e que muito me incentivou.

Ao Prof. Dr. José Hércules Golfeto,
pelo apoio recebido.

A Maria Aparecida de Almeida Consuli Segato,
pelo carinho e zelo com que datilogra -
fou o texto.

A Brasimar Siqueira Pedrosa Mieli,
pela revisão do texto.

Aos colegas, companheiros e alunos da Faculdade
de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto
da Universidade de São Paulo, pelo espaço
de luta e trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente
colaboraram na realização deste trabalho.

APRESENTAÇÃO

"Pouco depois da primeira década do século XIX, quando Robert Owen não só defendeu no plano teórico a necessidade de uma limitação do dia de trabalho, mas também introduziu realmente o dia de 10 horas em sua fábrica em New Lanark, consideraram sua inovação, objeto de escárnio, utopia comunista. O mesmo ocorreu com sua idéia de "união do trabalho produtivo com a educação da infância" e com as cooperativas dos trabalhadores que fundou. Hoje, a primeira utopia é lei fabril, a segunda figura como frase oficial em todas as leis fabris e a terceira até já serve para encobrir embustes reacionários".

MARX, K. "O Capital - Livro I, vol. I, pp.341-342 (nota de rodapé)

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	07
1.1 O mundo ao tempo de Owen	08
1.2 Biografia	16
1.3 A educação ao tempo de Owen	31
CAPÍTULO II	35
2.1 As idéias sociais de Robert Owen que embasam sua perspectiva pedagógica	36
2.2 A experiência de New Lanark	42
2.3 A experiência comunitária de New Harmony	58
CONCLUSÃO	65
RESUMO	69
BIBLIOGRAFIA	72

INTRODUÇÃO

Há uma discussão infundável no socialismo sobre a importância da contribuição dos pensadores utópicos, que foram os antecessores do avanço científico, na compreensão das relações fundamentais entre os homens.

De um lado, os cientificistas do determinismo econômico usaram a crítica radical aos utópicos como linha de argumentação comprobatória de suas teses que, encontravam o encadeamento da evolução do homem nas relações concretas estabelecidas na atividade produtiva e não no mundo das idéias. Para eles, antes do que em Robert Owen, Saint Simon e Fourier, seria nos economistas, capazes de desvelar gradativamente a essência das relações econômicas, ainda quando o faziam para justificar as relações capitalistas de exploração, que se encontraria o verdadeiro caminho para se chegar à síntese esclarecedora de Karl Marx. Não é outra a razão para a ênfase entre os economicistas do marxismo contemporâneo no estudo de Adam Smith e, sobretudo, de Ricardo.

De outro lado, os socialistas idealistas, ainda em nossos dias, insistem em atrelar o marxismo como análise global da sociedade às suas origens utópicas, vinculando-o, mais que à explicitação das relações de produção, a um grande movimento de idéias generosas, de homens que, compreendendo as injustiças do mundo, objetivaram transformá-lo num mundo de igualdade e justiça.

A evolução da análise econômica, social e política, propiciada pelo marxismo contemporâneo, desnudou a parcialidade e pobreza dessas duas linhas de interpretação, o historicismo economicista e determinista que gerou a abominável ortodoxia; e o idealismo generoso, mas alheio às determinações das relações de produção que tende a autonomizar o pensamento como algo próximo a "espíritos iluminados" e quase que inteiramente separado da existência concreta dos res.

Coube, entre outros, a Antonio Gramsci mostrar que, por sobre as duas teses, o economicismo e o idealismo, ainda quando pretensamente marxistas, impõe-se a verdadeira síntese do humanismo marxista, ou melhor, do marxismo enquanto um humanismo, que incorpora a "concreticidade" (1) da existência do homem enquanto ser histórico, as determinações sociais impostas pelas relações de produção, e a liberdade criadora do ser humano, capaz de transcender essas determinações e de mudar a sociedade e as próprias relações que engendram não só a sua vida presente como até mesmo seu modo de pensar.

Para o socialismo contemporâneo, com raízes nesta visão abrangente do marxismo, todas as relações existentes entre os homens são se explicam enquanto relações

(1) Ver KOSIK, K , Dialética do Concreto.

históricas, isto é, relações criadas pelo homem na História, relações, portanto, pelas quais o homem é responsável e, por isso, relações que podem, por ele, ser mudadas.

A injustiça social existe concretamente e pode ser transformada pela ação política dos homens. Separar-se as idéias das condições concretas de existência, ou pensar que, dadas determinadas condições concretas de existência, apenas determinadas idéias possam fruir, são dois reducionismos igualmente inaceitáveis porque desconhecem a dialeticidade própria à vida humana .

Nosso estudo tenta recuperar do esquecimento, a que o reducionismo economicista o relegou, o pensamento utópico. Isso não implica em quereremos autonomizar o pensamento e a utopia em relação às relações fundamentais que se estabelecem entre os homens e que influenciam grandemente, não só as suas condições concretas de existência, como seu modo de pensar. Mas a utopia, as idéias generosas de homens que, mesmo sem compreender em toda a sua extensão e com rigor científico essas relações fundamentais, ousaram sonhar com um mundo diferente, de justiça e igualdade enquanto elemento de confronto com a sociedade injusta, enquanto sonho de justiça, enquanto conquista de adesões para a necessidade de transformação social, enquanto momento em que a "revolução ganha os corações", teve e tem um valor extraordinário no processo concreto de lu-

ta para mudança das relações sociais injustas que ainda perduram em nossa sociedade.

Robert Owen foi, ao mesmo tempo, um sonhador da sociedade justa e um realizador de ação concreta no sentido de implementá-la na prática. Foi o mais "prático" dos utópicos⁽²⁾. E, se sua incapacidade de compreender adequadamente os mecanismos econômicos, que determinavam a existência da sociedade injusta, não permitia que sua ação transformadora tivesse um alto grau de eficiência, sob hipótese alguma pode-se permitir que se desconheça a contribuição de homens como ele para a disseminação da consciência da injustiça entre os homens, raiz do movimento em direção à construção do mundo novo que os homens podem realizar na História.

A descrição pobre que fazemos de sua vida e obra, nos limites de um trabalho de mestrado, vivido com as limitações inerentes a nosso meio, consorciado ao trabalho profissional e aos encargos de família, e condicionado pelo momento político atual, não fará justiça a sua personalidade rica, enquanto ser humano que transcendeu sua época. Esperamos, todavia, que sirva de estímulo a novas e mais ricas indagações no futuro.

A educação brasileira vive momentos

(2)DOMMANGET, M , "Os grandes socialistas e a educação", p.216 - "De todos os grandes socialistas, Robert Owen foi positivamente o único que experimentou suas concepções educativas."

de perplexidade. A capacidade criadora e inovadora perde-se às vezes no descompromisso. Owen foi criador e inovador sem nunca deixar de associar sua capacidade inventiva a um profundo compromisso social e político. É um exemplo de luta e, como tal vale para cada um de nós.

Nosso trabalho, com caráter inconcluso, circunscreveu-se à descrição da vida e obra de Robert Owen, especialmente à sua contribuição teórica e prática ao desenvolvimento da educação.

CAPÍTULO I

1.1 O mundo ao tempo de Owen

1.2 Biografia

1.3 A educação ao tempo de Owen

1.1 O MUNDO AO TEMPO DE OWEN

"Desta vala imunda a maior corrente da indústria humana flui para fertilizar o mundo todo. Desse esgoto imundo jorra ouro puro. Aqui a humanidade atinge o seu mais completo desenvolvimento e sua maior brutalidade, aqui a civilização faz milagres e o homem civilizado torna-se quase um selvagem".

A. de Toqueville a respeito de Manchester em 1835.

Apud HOBBSBAWM, E.J., A Era das Revoluções. p.43

O tempo em que Robert Owen viveu foi, talvez, o mais extraordinário período da história humana do ponto de vista do dinamismo transformador da vida econômica, política e social. De tal natureza foram as mudanças ocorridas na sociedade, nesse período, que Hobsbawm o chama de "A Era das Revoluções" (1).

Em primeiro lugar, na estrutura econômica ocorre a revolução industrial. Em 1764, sete anos antes do nascimento de Owen, Hargreaves havia inventado a "spinning Jenny", primeira inovação revolucionária no campo da tecelagem que marca o início das transformações fundamentais no sistema produtivo. Três anos depois, em 1767, Arkwright, um barbeiro, inventa a "spinning throstle" e, em 1775, Crompton associando as particularidades destas duas máquinas, criou a "mule", fiadeira automática que se generalizou dinamizando toda a produção têxtil. Nesse mesmo ano, a invenção de James Watt, a máquina a vapor, criada em 1764 seria aplicada como força motriz às

(1) HOBBSBAWM, E.J., "A Era das Revoluções": Europa 1789-1848.

máquinas de fiação. Essas invenções criaram um movimento incrível que, num ritmo fantástico, modificou o mundo. Na navegação, o barco a vapor; na agricultura, a química foi aplicada por Humphrey Davy e, o aumento demográfico aumentou o consumo dos produtos agrícolas, obrigando a expansão de áreas produtivas pelo desbravamento de terras e ao aperfeiçoamento de técnicas tais como alternância de culturas, drenagem de terras, melhoramento do solo, etc... (A Inglaterra passou a importar trigo, quando antes, o exportava); nas vias de comunicação por terra, a partir de 1818, na Inglaterra e na Escócia, várias estradas, pontes e canais foram construídos e, a primeira ferrovia importante, ligando Liverpool a Manchester, foi inaugurada em 1830. É a revolução! O progresso produtivo ganha contornos absolutamente inusitados, antecipando todo o futuro desenvolvimento da indústria moderna. Começam a se desenvolver os parques fabris com as concentrações proletárias, exploração selvagem da mão de obra operária e, delineia-se um quadro de relações sociais inteiramente novo que seria descrito por Engels em "A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra" (2).

Ao mesmo tempo, desenrola-se na França a mais dramática transformação política da história da humanidade - a Revolução Francesa - que destrói a ordem aristocrática sob a égide da "igualdade, liberdade, fraternidade". Segundo Hobsbawm: "Se a economia do mundo do século XIX foi for -

(2) ENGELS, F., "A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra".

mada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela revolução francesa. A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas sócio-econômicas tradicionais do mundo não europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas idéias, a ponto de bandeiras tricolores de um tipo ou de outro terem se tornado o emblema de praticamente todas as nações emergentes, e a política européia (ou mesmo mundial) entre 1789 e 1917 foi em grande parte a luta a favor e contra os princípios de 1789, ou os ainda mais incendiários de 1793" (3).

No nível político, é a ascensão da burguesia como classe dominante. Num ritmo frenético, gesta-se na História um novo quadro social, que definirá não só as relações sociais inteiramente novas, mas a perspectiva de novas contradições e confrontos. De um lado, a burguesia triunfante' sobre a nobreza decadente, mas de outro o nascimento do proletariado urbano que se desenvolverá pela universalização das novas técnicas produtivas. Burguesia e proletariado - eis as classes emergentes da nova realidade social.

No âmbito da filosofia social é também o tempo das formulações utópicas mais acabadas. Desde a

(3) HOBBSBAWM, E.J., "A Era das Revoluções", p.71

"Utopia" de Thomas More (1518) o pensamento utópico tinha ganhado não só uma consistência mais abrangente com os teóricos das comunidades; como também experiências concretas haviam-se disseminado com grupos humanos tentando realizar na prática os seus sonhos visionários. É com Owen, todavia, que a utopia ganha foros de um sistema completo que se tenta aplicar sistematicamente.

Na economia, a revolução industrial . Na política, a revolução burguesa. Este é o quadro geral do mundo em que Owen vai viver. Sua obra traz intrinsecamente as influências e contradições dessa mistura de um momento complexo, em que o sistema produtivo está em ebulição, mas não consolidado; em que o poder político passa às mãos da nova classe que emerge hegemônica da realidade econômica - a burguesia - mas ainda conviverá com resíduos do poder aristocrático que se desmorona. E, aos que se identificam com os interesses do proletariado nascente, que ainda nem sequer tem suas características consolidadas como classe social, quase não resta senão sonhar, preparando o advento de uma nova perspectiva realmente analítica da sociedade, do ponto de vista dessa nova classe trabalhadora que viria, no futuro, a ser formulada pelo socialismo científico. Owen, encerrando com um pensamento mais orgânico o ciclo utópico, pode ser visto como um pensador da transição entre a utopia pura e a transformação social aplicada. Por isso, Beer considera que "...com Robert Owen começou na

Inglaterra a história do socialismo moderno" (4).

O mundo ao tempo de Owen conheceu duas décadas de guerras, de 1792 a 1815. E apesar de a Grã-Bretanha haver suportado, em termos monetários, um fardo três a quatro vezes mais pesado do que o da França, e este desvio de recursos ter conseqüentemente desacelerado a sua expansão econômica, seu gigantesco processo de revolução industrial não foi prejudicado. Este fato colocou a Grã-Bretanha à frente de seu rival mais próximo, a França, que viveu, no período, um processo de estagnação. Desta forma, a Grã-Bretanha "... transformou-se na oficina do mundo, durante duas gerações" (5).

No período de 1815 a 1848, três ondas revolucionárias ocorreram no ocidente. A segunda delas, que se deu de 1829 a 1834, foi a que provocou maiores mudanças no campo político e, conseqüentemente, no desenvolvimento social e econômico. Segundo Hobsbawm, o ano de 1830 marca um acontecimento extremamente inovador: a instauração do poder burguês na Europa Ocidental, determinando a queda definitiva dos aristocratas. Hobsbawm afirma ainda que "qualquer que seja o aspecto da vida social que avaliarmos, 1830 determina um ponto crítico, datas entre 1789 e 1848, o ano de 1830 é o mais obviamente notável" (6). E mais adiante, Hobsbawm declara que

(4) BEER, M., "História do Socialismo e das Lutas Sociais". p.416

(5) HOBBSAWM, E.J., "A Era das Revoluções". p.116

(6) Ibid, p.129

"Ainda não havia socialistas ou revolucionários conscientes da classe operária, pelo menos na política, exceto na Grã-Bretanha, onde uma tendência proletária independente na política e na ideologia surgiu sob a égide do "cooperativismo" de Robert Owen, por volta de 1830" (7).

É fácil compreender porque na Inglaterra os operários se organizavam em movimentos proletários para lutar por condições mais humanas e mais dignas de vida. Engels, ao descrever a situação dos trabalhadores na Inglaterra, assim se expressa: "... para onde voltamos o nosso olhar, apenas encontramos a miséria permanente ou temporária, doenças provocadas pelas condições de vida ou de trabalho, a imoralidade, por toda a parte a destruição lenta mas segura da natureza humana, tanto do ponto de vista físico como moral" (8).

Na Inglaterra, o movimento luddista* ou destruição de máquinas começou no século XVII e foi até aproximadamente 1830. Este movimento tem dois aspectos ou métodos: o primeiro deles foi uma técnica do sindicalismo no início da revolução industrial e no período antecedente a esta, naquele a destruição da maquinaria era usada como pressão sobre os empregadores e como meio de garantir o hábito de solidariedade entre os trabalhadores; o segundo método foi uma

(7) HOBBSBAMM, E.J., "A Era das Revoluções". p.132

(8) ENGELS, F., "A Sit. da Classe Trab. em Ingl.". p.284

* Adjetivo derivado de Ned Ludd, trabalhador que quebrou máquinas que reduziam a mão de obra operária, em 1779.

manifestação de oposição, de hostilidade às novas máquinas da revolução industrial, especialmente as que economizavam mão de obra e, não especificamente um movimento restrito aos trabalhadores, mas foi compartilhado por alguns capitalistas e por grande parte da opinião pública⁽⁹⁾.

Em 1835, na Inglaterra, teve início o cartismo, um movimento essencialmente operário, mas no começo, ainda ligado à pequena burguesia radical. Um comitê da associação geral dos operários de Londres, liderados por William Lovett, um dos líderes cartistas, definia a Carta do Povo, que propunha o sufrágio universal e mudanças na reorganização da Câmara dos Comuns.

Em torno de 1838, este movimento passa a ser especificamente operário. Stephens definiu muito bem este novo caráter social do cartismo operário, em sua declaração em Manchester, quando falou para mais de 200.000 pessoas: "O cartismo, meus amigos, não é um movimento político, em que se trate de fazer obter o direito de voto ou algo desse gênero; não, o cartismo é uma questão de garfo e faca: a carta significa bom alojamento, comer bem e beber bem, bons salários e um dia de trabalho curto"⁽¹⁰⁾.

Em torno de 1845, o movimento cartis

(9) HOBBSAWM, E.J., "Os Trabalhadores". pp.15 a 31

(10) ENGELS, F., "A Sit. da Classe Trab. em Ingl." p.307

ta operário aproximou-se inevitavelmente do socialismo. Os car^utistas, embora teoricamente menos evoluídos, eram proletários, enquanto que os socialistas, que propunham teorias e medidas concretas para mudar a sociedade, eram provenientes da burguesia. E, como já pudemos verificar "na origem do socialismo inglês esteve um industrial, Owen, e é por isso - se bem que culmine requerendo a abolição do antagonismo de classe proletariado-burguesia - que na sua forma ele dá provas no entanto de uma grande indulgência para com a burguesia e de uma grande injustiça para com o proletariado"(11).

(11) ENGELS, F., "A Sit. da Classe Trab. em Ingl." p.315

1.2 BIOGRAFIA

"Em tais circunstâncias, ergue-se como reformador um fabricante de 29 anos, um homem cuja pureza quase infantil tocava às raias do sublime e que era, ao lado disso, um condutor de homens como poucos."

ENGELS, F., "Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico", p.310

Robert Owen nasceu em Newton, pequena cidade ao norte do País de Gales, em 14 de maio de 1771. Seu pai foi artesão e sua mãe pertencia a uma numerosa família de rendeiros.

O pequeno Owen foi para a escola ao redor de 4 a 5 anos de idade e, de tal forma se destacou que, aos sete anos, já se tornara assistente do professor e se habituou, desde então, a ensinar aos outros, com muita paciência, tudo aquilo que julgava saber. Owen foi efetivamente um autodidata, pois este foi o seu único período de educação escolar.

Owen frequentou aulas de dança e de música até os 10 anos. Ele realmente gostava destas aulas e quando pôde, muitos anos mais tarde, colocar em prática as suas idéias educacionais, estas modalidades estavam no currículo de sua escola.

Ao completar 10 anos, Owen parte para Londres, onde mora com seu irmão mais velho por algumas semanas até arrumar emprego numa loja de tecidos finos em Stamford,

de propriedade de Mc. Guffog. Owen, além de trabalhar, nas horas vagas se utilizava da excelente biblioteca de seu empregador. Transcreveu para um caderno, os preceitos morais de Sêneca e refletir sobre eles era um dos seus passatempos favoritos. Ainda tão jovem, Owen já se torna totalmente independente.

No período em que viveu em Stamford , Owen frequentou tanto a igreja escocesa quanto a britânica. Ele ainda se considerava cristão. A reação definitiva contra a religião institucionalizada virá mais tarde.

Entre os 14 e 15 anos, volta a Londres e após uma visita aos pais em Newton, vai trabalhar em uma loja que vendia e comprava somente à vista, com pequena margem de lucro, e, cuja clientela era proveniente da classe média. Permanece nesse emprego por muito pouco tempo.

A seguir, o jovem Owen vai para Manchester, trabalhar com Satterfield, proprietário de um estabelecimento que vendia no atacado e no varejo e cuja freguesia era constituída por industriais e comerciantes.

Em todos esses empregos, Owen vai realizando um aprendizado prático das coisas do comércio. Sua compreensão das relações econômicas associada ao seu tino e criatividade o levam, em seguida, a um primeiro empreendimento. Com

Jones, um dos fornecedores de Satterfield e, que havia posto Owen a par dos avanços das técnicas de produção da indústria, abre uma fábrica para produzir fiadeiras automáticas ("mules") para tecer algodão. Ao perceber, porém, que Jones era somente um artesão, sem capacidade tanto para organizar como para dirigir, Owen passa a administrar o negócio e fica realmente aliviado, quando após alguns meses vende a sua parte a um capitalista. Como parte da venda deveria receber 6 fiadeiras, mas só recebeu três e uma máquina que produzia meadas de fio adequadas para venda. Contava então, 19 anos de idade e decide por as máquinas em funcionamento. Para tal, contrata três empregados, compra máquinas para desfiar o algodão e consegue, nesse novo empreendimento, obter lucro.

Em sua autobiografia, Owen relata que Arkwright, o inventor de novas máquinas para cardar e prefiar o algodão, havia construído, em Manchester, uma manufatura e que a alta lucratividade deste tipo de indústria atraiu a atenção de muitos capitalistas. Dentre estes, Drinkwater, um rico industrial desta cidade monta em sociedade com um cientista, George Lee, uma grande fábrica de fios de algodão com as mais modernas máquinas no setor e empregando 500 operários. Lee foi o diretor da firma até que resolve formar uma nova sociedade e, Owen ao tomar conhecimento do fato consegue emprego de administrador em seu lugar⁽¹⁾.

(1) OWEN, R., "The life of Robert Owen", p.26

Apesar de tão jovem, Owen já tentou aplicar sua teoria nesta fábrica e segundo Engels, não sem êxito⁽²⁾. Ao mesmo tempo, Owen frequentou os círculos intelectuais da cidade, foi membro da "Manchester Literary and Philosophical Society" que reunia, aos moldes da época, sábios, literatos e industriais. Nestes ficou conhecido, primeiro, como "a máquina que raciocina" (Reasoning machine), pois acreditavam que era desta forma que Owen via o homem⁽³⁾. Depois, foi também chamado de "filósofo que pretende fazer os homens pela química" devido a uma discussão sobre as descobertas de Lavoisier e Chaptal, na qual ele afirmou que o "universo me parece ser um grande laboratório e todas as coisas são compostos químicos, e o homem é somente um composto químico complicado, que difere dos outros pela sua capacidade de raciocínio"⁽⁴⁾.

A partir do 4º ano de sua administração nessa firma, Owen deveria passar a receber um quarto dos lucros desta. Mas a crise comercial de 1792, ano que marca o início das duas décadas de guerra, faz com que Drinkwater aceite como genro um homem abastado e, este não aceita a sociedade com Owen, que pede demissão. Permanece, todavia, na administração da tecelagem por mais um ano. Neste período faz uma sociedade com dois jovens ricos, porém inexperientes em construção de fábricas de algodão. Esta associação teve curta duração.

(2) ENGELS, F., "Do Socialismo utópico ao Socialismo científico", p.311.

(3) OWEN, R., "The life of Robert Owen", p.36

(4) Ibid., p.38

Owen associa-se, então, a proprietários de dois tradicionais estabelecimentos do ramo para fundar uma só firma, a Chorlton Twist Co. A direção desta coube a Owen.

No período em que trabalhou para Drinkwater, Owen contrariando o hábito da época, comprou algodão dos Estados Unidos, ao invés de adquiri-lo das Índias, da América do Sul ou da Ilha francesa de Bourbon. Este algodão não havia, ainda, sido usado para fiação, mas acabou provando ser de excelente qualidade.

A Chorlton Twist Co. prosperou rapidamente e, em uma de suas viagens a Glasgow conhece miss Dale, filha de David Dale, proprietário da fábrica de algodão de New Lanark, que mais tarde vem a se tornar sua esposa. De fato, através dela, Owen vai conhecer a tecelagem e decide que era ali que gostaria de instalar a sua colônia-modelo. Em 1797, Owen e seus sócios compram a tecelagem por 60.000 pounds e esta passa a se chamar New Lanark Twist Co.

Após o seu casamento, do qual teve sete filhos, Owen vai residir em New Lanark e começa a "governá-la" porque afirma que não tinha intenção de ser administrador como o dos outros cotonifícios, mas queria mudar as condições de vida dos trabalhadores e suas famílias, que se encontravam cercados por circunstâncias que tinham influências injuriosas

sobre a formação do caráter" (5). O novo sistema basear-se-ia "... nos princípios de justiça e de igualdade e na abolição gradual de punições" (6).

Edmund Wilson afirma que "quando Owen assumiu o controle dos cotonifícios de New Lanark, na Escócia, os trabalhadores eram homens e mulheres sujos, bêbados e de baixíssima confiabilidade - naquele tempo, trabalhar numa fábrica era sinal de falta de amor próprio - e crianças de cinco a dez anos de idade oriundas de orfanatos" (7).

Owen decide não mais aceitar as crianças dos orfanatos e as substitui por mais famílias. Na vila já viviam 1300 pessoas e muitas modificações teriam de ser feitas para melhorar as condições de moradia.

Em sua autobiografia, Owen nos coloca quais eram as condições injuriosas que encontrou em New Lanark e que tinha de mudar: "a) - ignorância, superstição, que tinham como conseqüências a conduta imoral e os maus hábitos da maioria da população.

b) - o longo dia de trabalho.

c) - o alto preço e a qualidade inferior de tudo que os trabalhadores compravam para uso próprio.

(5) OWEN, R., op.cit., pp.56-57

(6) Ibid., p.60-61

(7) WILSON, E., "Rumo à estação Finlândia", p.91

d) - as péssimas acomodações e a organização interna de suas casas para criar e treinar seus filhos , durante a infância e seus preconceitos em relação a um administrador inglês" (8).

E, Owen, com seu espírito extremamente prático e sua perseverança, dá início a estas transformações . Ele melhora as habitações, saneia toda a aldeia, cria hábitos de limpeza, instala lojas e armazéns cooperativos nas quais todos os tipos de artigos eram fornecidos a preços 30% mais baixos do que anteriormente, coloca novas máquinas na fábrica, que foi totalmente remodelada, diminui a embriaguês, funda caixas de previdência para a velhice e assistência médica, mas somente em 1816 consegue reduzir a jornada de trabalho e também fundar a escola de New Lanark, o que vinha planejando desde 1809, mas seus sócios sempre se opuseram a esses seus projetos.

A Educação em New Lanark encontra - se descrita, neste trabalho, no capítulo seguinte.

Em 1806, durante uma crise na importação de algodão dos Estados Unidos que, no momento, supria grande parte do mercado, Owen se viu obrigado a parar as máquinas, mas continuou pagando a seus empregados o salário integral. Desta forma, ele ganhou a confiança dos trabalhadores.

(8) OWEN, R., op.cit., p.67

No trabalho, em lugar das punições usuais nas fábricas, Owen inventa um "monitor silencioso" - pedaço de madeira com quatro lados pintados de cores diferentes - que era colocado em frente a cada empregado. A cada cor correspondia um tipo de comportamento. Desta forma, quando Owen supervisionava a fábrica ele podia, rapidamente, saber qual havia sido a conduta dos operários pela cor (negro = má ou inferior, azul = indiferente, amarelo = bom e branco = excelente). O trabalhador podia discordar se achasse que não merecia aquele conceito. Se a cor significasse má conduta, Owen simplesmente fixava os olhos firmemente no operário. Estas cores eram passadas para um registro de cada um dos empregados e, dessa forma, o seu progresso podia ser analisado. Esse sistema funcionou muito bem.

Como o roubo era comum, Owen criou também um sistema de detecção e localização imediata deste.

Desde Manchester, Owen manteve contactos com Lancaster e contribuiu economicamente para suas experiências de "ensino mútuo". Em 1812, Lancaster vai para a Escócia a seu convite para tentar influenciar a opinião pública a favor da educação para os filhos dos trabalhadores.

Logo depois, Owen publica seus "Essays on the formation of character". Em sua autobiografia relata que

se sente orgulhoso por Napoleão ter lido os ensaios, e por acreditar haver convencido o futuro Czar da Rússia, o Grão duque Nicolas, que visitou New Lanark, e os príncipes da Áustria. Ele ainda acreditava no convencimento das autoridades para mudar a sociedade.

Neste período, Owen entra em contacto com vários economistas, entre eles: Malthus, Ricardo, Francis Place e afirma que eram todos liberais para o seu tempo, que eram favoráveis à educação nacional do povo, mas se opunham ao emprego nacional para os pobres e desempregados, e, especialmente, a uma superfluidez da riqueza para todos. Owen julga que as idéias e os falsos princípios da teoria desses economistas, que vinham influenciando a administração da Grã-Bretanha e da Irlanda por muito tempo, tinham como consequência a miséria, o pauperismo, encobertos pelo esplendor e riqueza desses países (9).

Em 1815, ano do término da grande guerra, Owen organizou uma assembléia de industriais em Glasgow para protestar contra o pesado imposto de importação do algodão e contra as condições de trabalho nas fábricas. Todos foram favoráveis em relação à redução do imposto, mas foram contra a segunda parte da proposta.

(9) OWEN, R., op.cit., pp.104-105

De 1815 a 1818, Owen se dedicou à luta para aprovar uma legislação que melhorasse a situação dos trabalhadores nas indústrias. A primeira lei fabril de 1819 (First Factory Act of 1819) que reduziu a jornada de trabalho das mulheres e das crianças nas indústrias têxteis foi resultado desta luta. Owen elaborou o projeto de lei que Sir Robert Peel deveria defender no Parlamento. Depois de votada, Owen sentiu-se traído nas suas intenções, porque a sua sugestão havia sido de uma jornada de trabalho de 10 horas e meia para as crianças e não de 12 horas como foi aprovada, a idade limite sugerida para emprego das crianças fora de dez anos e, a aprovada foi de 9 anos, e por fim, a educação das crianças, projeto tão almejado por Owen, não foi aprovada.

O número de desempregados e pobres vinha aumentando rapidamente e os distúrbios sociais se agravaram, o luddismo se reavivou. (As demonstrações, a quebra de máquinas industriais e agrícolas se intensificaram). As organizações políticas pressionavam por reforma. Em 1816, cinco homens foram enforcados por distúrbios. Em 1817, a lei do habeas corpus foi suspensa e várias leis repressivas foram aprovadas, entre elas a que proibia a reunião pública⁽¹⁰⁾.

Para solucionar o problema do desemprego, Owen propõe as "Villages of Unions" que seriam comuni -

(10) PODMORE, F. , "Robert Owen" , p.214

dades planejadas para acomodar 1200 pessoas no mesmo número de acres de terra, de acordo com a planta modelo. Essas comunidades seriam autosuficientes, com uma parte industrial e uma parte agrícola, escola, igreja ecumênica, enfermaria, salas de leitura, refeitórios, cozinhas, jardins, play-grounds, apartamentos, para acomodar um casal e duas crianças abaixo dos três anos, apartamentos para hóspedes, dormitórios para as crianças acima dos três anos, lavanderias, etc. O plano foi levado inicialmente ao comitê da "Poor Law" que não se sensibilizou e Owen então publica-o no periódico "Philanthropist", editado por um de seus sócios William Allen e a seguir em jornais.

As "Villages of Unions" foram baseadas em planos anteriores como os de Bellers (Colleges of Industry) do século anterior e como os de Jeremy Bentham (Industry-Houses), este último foi um de seus sócios em New Lanark. Segundo Polanyi "os três homens estavam convencidos de que uma organização correta do trabalho dos desempregados deveria produzir um excedente e Bellers, o humanista, queria usá-lo basicamente na assistência a outros sofredores; Bentham, o liberal utilitarista, desejava repassá-lo aos acionistas e Owen, o socialista, queria devolvê-lo aos desempregados" (11).

Este esquema, detalhadamente planejado, ficou conhecido como os "paralelogramos de Owen", e não foi

(11) POLANYI, "A grande transformação", p.119

aprovado nem pelas autoridades, nem tampouco pelos trabalhadores de Londres "que em duas reuniões públicas, em 1817, o consideraram muito paternalista e restritivo da ação individual (12).

A partir de 1817, Owen começa a atacar abertamente todas as religiões, mas a reação contra essas suas declarações só viriam a ocorrer bem mais tarde, quando por volta de 1830, ele vai se juntar à classe trabalhadora. Ainda havia muita simpatia pelas idéias de Owen por parte de nobres, de economistas, tais como Ricardo e de banqueiros (13).

Em 1818, Owen fez uma viagem pelo continente, tendo como guia o Prof. Pictet, um sábio de Genebra. Além de entrar em contacto com vários cientistas, Owen vai visitar as escolas de Oberlin, de Pestalozzi e de Fellerberg. De Oberlin, Owen criticou o sistema de punições e recompensas usado. De Pestalozzi, afirma que "sua teoria era boa, mas os meios e a experiência eram limitados e que seus princípios eram os do velho sistema... e que sua escola, entretanto estava um passo à frente das escolas comuns" (14). Owen ficou positivamente impressionado com Fellenberg e, inclusive, resolveu mandar para a sua escola dois de seus filhos.

Após sua volta à Escócia, Owen tenta,

(12) LAIDLER, "A History of Socialist Thought", p.114

(13) COLE, G.D.H., "Socialist thought", p.93

(14) OWEN, R., op.cit., p.177

por duas vezes, ser eleito para o Parlamento, mas fracassou em ambas as vezes.

Em seu "Report to the County of Lanark", 1820, Owen começa a expor a sua teoria de Valor-Trabalho e, em 1821, em "Social System" coloca a distribuição da riqueza como um problema central a ser resolvido pela sociedade e, se posiciona totalmente contra a propriedade privada.

Atraído pelo novo mundo e ansiando por colocar em prática suas idéias, Owen parte para os Estados Unidos, em 1824 para fundar uma colônia comunista em Harmony, Indiana. Esta experiência que teve curta duração, encontra - se descrita brevemente neste trabalho, em capítulo à parte.

Owen retorna à Inglaterra em 1829, sem grande parte de sua fortuna, mas com seu entusiasmo habitual. Dedicou-se, então, a implantar um sistema em que o trabalho era fonte de toda riqueza, a medida real do valor, isto é, tornava o valor do trabalho mensurável através do tempo gasto no trabalho⁽¹⁵⁾. Desta forma, o dinheiro deixaria de ser o instrumento de troca. Esta proposta de reorganização da sociedade não era nova, mas Owen foi mais longe ao afirmar que o trabalhador tem o direito a receber o produto completo de seu trabalho. E em

(15) BRAVO, J., "História do Socialismo". "O projeto oweniano foi socialista e dele faziam parte tanto as cooperativas de produção, como os "armazéns de trabalho", onde se deveriam realizar as trocas das mercadorias contra bônus correspondentes do tempo-trabalho." , p.61

1832, Owen funda o "National Equitable Labour Exchange" , que havia sido anteriormente tentado nos Estados Unidos nos "Exchange Bazaars". Josiah Warren, um dos membros da extinta comunidade New Harmony, já havia aberto um armazém de troca em Cincinnati, onde todos os produtos eram trocados por notas representando horas de trabalho⁽¹⁶⁾ e, ainda, 120 anos antes , Bellers já havia elaborado a idéia de notas de trabalho.

A partir da reforma eleitoral de 1832, que deu o direito de voto somente à classe média, Owen desiludido e perseguido por suas idéias pois não era mais rico proprietário, tendo, inclusive, perdido qualquer participação em New Lanark e passado a ser sustentado por seus filhos, volta-se à classe trabalhadora e vai trabalhar no seio desta até o resto de seus dias. Ele dá, então, início ao movimento sindicalista e funda a "Grand National Consolidated Trade Union" , que chegou a ter 500.000 filiados e que foi o embrião do violento "One Big Union." Owen associa-se também ao movimento cooperativista que se baseava em suas próprias idéias⁽¹⁷⁾ ⁽¹⁸⁾.

Owen dirigiu dois jornais, nos quais

(16) NOYES, "History of American Socialism" apud PODMORE, F., op.cit., p.95

(17) MARX, K., "O Capital - Livro I". "Robert Owen, o Pai das Cooperativas de Produção e de Consumo, que conforme observamos, de nenhum modo participava das ilusões de seus imitadores sobre a importância desses elementos isolados de transformação não só tomava, praticamente o sistema fabril como ponto de partida para seus experimentos, mas o considerava teoricamente o ponto de partida da Revolução Social." pp.575-576

(18) COLE, G.D.H., op.cit., "Depois de 1834, o owenismo deixou de ser um movimento de massas e o próprio Owen não manteve mais qualquer ligação com a Trade Unions. Mas a sua influência não morreu, de forma alguma. Continuaram a existir sociedades owenitas, ramos da sociedade racional, em muitos lugares, como também as sociedades cooperativas, sob uma influência moderada de Owen." , p.129

se encontram descritas as suas atividades públicas desta época: "Crisis" (1832 a 1834) e "New Moral World" (1834 a 1845).

No final de sua vida, Owen que "jamais tivera muito interesse ou simpatia pelo movimento cartista, nem pelas agitações contra as leis referentes à importação e exportação de cereais; ele ainda não conseguira convencer-se de que não seria muito mais fácil estabelecer a igualdade de um só golpe e de uma vez por todas. E, constatando que a humanidade ainda estava tão atrasada, recorreu as forças supraterrrestres" (19).

Em 1858, Owen volta a sua cidade natal para lá morrer deixando atrás de si toda uma vida dedicada à reconstrução da sociedade. Morreu, desta forma, não um utopista, mas como "Holyoake chamou-o e a outros utopistas de 'world makers' (construtores do mundo), uma expressão que considerava, melhor que a tradicional - utopistas - porque enquanto esta enfatizava a visão lírica que tinham de um mundo irrealizável de sonhos, 'world makers' acentua o significado concreto de sua ação concreta na construção desse novo mundo" (20).

(19) WILSON, E., op.cit., p.95

(20) ROSSI, W., "Pedagogia do Trabalho", pp.80-81

1.3 A EDUCAÇÃO AO TEMPO DE OWEN

"O conceito da evolução histórica como um resultado das lutas de classe nos mostrou, com efeito, que a educação é o processo mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais de sua própria existência... A classe que domina materialmente é também a que domina com a sua moral, a sua educação e as suas idéias."
 PONCE, Anibal, "Educação e luta de classes", p.165

Na sociedade feudal, a grande maioria da população não frequentou a escola formal, permanecendo analfabeta. Os camponeses e os trabalhadores urbanos aprendiam enquanto trabalhavam com seus pais e familiares. Destes e da comunidade em que viviam recebiam os valores morais e sociais. A Igreja Católica era a única instituição especial que transmitia sistematicamente uma doutrinação ideológica. Por sua vez, a aristocracia tinha suas escolas próprias⁽¹⁾.

Com o florescimento do comércio, provocado por grandes transformações econômicas e progressivas modificações técnicas, surge uma nova classe social - os burgueses - , que eram uma classe "em si" mas não ainda "para si" , por isso sem intenção revolucionária. A Igreja, para manter sua hegemonia, desloca para a cidade o centro de seu ensino, as escolas dos mosteiros são substituídas pelas escolas das catedrais. "Sob a influência da nova burguesia, que exigia a sua parte na instrução, a escola catedralícia foi, no século XI, o germe da universidade. No domínio intelectual, a fundação das uni-

(1) CASTLES, S. e WUSTENBERG, W., "The education of the future", p.10

versidades equivaleu à outorga de uma nova carta de franquia à burguesia" (2).

A queda do feudalismo provocou o aparecimento do trabalhador livre, no final do século XV. E a partir do século XVI, o trabalhador assalariado momentâneo converteu-se em assalariado permanente, pois os camponeses foram expulsos de suas terras pelos burgueses. E, assim, com o estabelecimento do comércio mundial e com o aparecimento de massas de trabalhadores livres, surge um novo regime - o capitalismo. O capitalista compra a força de trabalho e paga ao trabalhador apenas um salário de subsistência que mal lhe permite voltar ao trabalho no dia seguinte e que, ao mesmo tempo, dá ao capitalista um excedente - a mais valia -.

No final do século XVIII, as grandes mudanças econômicas, políticas e sociais provocaram discussões sobre educação popular. A "teoria das circunstâncias" que coloca o caráter do homem como produto do meio ambiente e, conseqüentemente, atribui à educação o papel fundamental de moldá-lo a fim de obter um ser "racional", contribuiu para o desenvolvimento das idéias socialistas de educação no século XIX.

Na Grã-Bretanha pré-industrial, a grande maioria das crianças pobres da cidade e do campo perma-

(2) PONCE, A. "Educação e luta de classes", p.99

neceu fora da escola. Algumas crianças freqüentaram as chamadas escolas de caridade (Charity Schools), que tinham como objetivo formar somente o "apprentice". Algumas paróquias mantinham escolas que se preocupavam apenas com o catecismo.

O "General Workhouse Act of 1723" - cujo objetivo era diminuir os custos do pagamento aos pobres, aos desempregados e aos doentes (criado anteriormente pela "Poor Relief Law") - criou uma escola especial - "a escola da Indústria". Esta, era geralmente, ligada a uma "casa de trabalho" (workhouse) onde as crianças, confinadas, eram tratadas como escravas e tinham que se habituar à disciplina de "... trabalho duro, pancada e doutrinação religiosa" (3).

A revolução industrial provocou uma crise social marcada pelo aumento do índice de criminalidade, pela destruição de máquinas e por epidemias nas vilas industriais. Com a finalidade de retirar das ruas as crianças pobres, teve início o movimento das escolas dominicais (Sunday Schools) em 1780. Nestas, as crianças aprendiam a ler textos religiosos, mas não eram ensinadas a escrever.

O passo seguinte foi a escola monitorial (monitorial schools) de Joseph Lancaster e Bell. O sistema utilizado nesta escola era o do ensino mútuo, com um profes

(3) CASTLES, S. e WÜSTENBERG, W., "The education of the future", p.19

sor para cada mil crianças. O método era rígido, os professores davam ordens através de sinais, de campainhas, utilizavam-se de prêmios e de castigos (inclusive corporais). Os textos usados eram os religiosos. O conteúdo das disciplinas era decorado pelos alunos que mal o compreendiam. Esse tipo de escola foi o que predominou, em termos de educação popular, no século XIX, na Inglaterra⁽⁴⁾.

Esta breve descrição das escolas destinadas aos filhos dos trabalhadores, na época anterior a Owen e, no período em que viveu, nos mostra o quanto a escola que Owen propõe e testa na prática, foi avançada e, o fato que mais chama a nossa atenção é que continua ainda a ser "a educação do futuro".

(4) CASTLES, S. e WÜSTENBERG, W., "The education of the future", p.20

CAPÍTULO II

- 2.1 As idéias socias de Robert Owen que embasam sua perspectiva pedagógica
- 2.2 A experiência de New Lanark
- 2.3 A experiência comunitária de New Harmony

2.1 AS IDÉIAS SOCIAIS DE ROBERT OWEN QUE EMBASAM SUA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

"Rousseau dizia, em resumo: 'O Homem é bom ao sair das mãos da natureza'. Owen diz: 'Ao nascer, o Homem não é bom nem mau, é obra do meio.' Se atualmente ele é mau é porque o regime social é um abismo de ignorância, de crime e de miséria."

DOMMANGET, M., "Os grandes Socialistas e a Educação", p.194

A filosofia e a prática de Owen são resultantes de sua concepção sobre a formação do caráter. Para ele, o caráter é formado para o homem e não pelo homem, pois é produto das circunstâncias nas quais o homem nasce, vive e trabalha. Aqui já se coloca uma primeira contradição (e fundamental) no pensamento de Owen: o homem não seria sujeito de sua história, mas fruto das circunstâncias. Se elas fossem más, como transformá-las? Percebe-se a singeleza intelectual própria à época, incapaz de descobrir a dialeticidade da relação ho - mem-mundo. Se de um lado esse caráter dialético caracteriza o ser humano como fruto das relações sociais de produção estabelecidas, de outro abre a perspectiva de ser ele também semente transformadora dessas mesmas relações, que por sua ação concreta, pode substituir, na História, por formas novas e mais avançadas de organização. Esta contradição foi colocada por Marx na IIIª Tese sobre Feuerbach - "A doutrina materialista segundo a qual os homens são produtos das circunstâncias e da educa - ção: e, portanto, segundo a qual homens transformados são produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada , esquece que são precisamente os homens que transformam as cir-

cunstâncias e que o próprio educador deve ser educado. Por isso, essa doutrina chega, necessariamente a dividir a sociedade em duas partes, uma das quais é colocada acima da sociedade (p.ex., em Robert Owen).

A coincidência da mudança das circunstâncias com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente com a práxis revolucionária" (1).

Em "A New View of Society - Essays on the formation of character" encontram-se os escritos básicos de Owen sobre a teoria das circunstâncias e sua aplicação na prática. O livro consta de quatro ensaios escritos e publicados entre 1812 e 1818.

O princípio fundamental de visão do mundo de Owen ressalta já no início do primeiro ensaio: "qualquer caráter geral, do melhor ao pior, do mais ignorante ao mais esclarecido, pode ser dado a qualquer comunidade, mesmo ao mundo todo, pela aplicação dos meios próprios; meios estes que se encontram praticamente sob o controle e comando daqueles que têm influência nos negócios dos homens" (2).

(1) MARX, K. e ENGELS, F., "A ideologia alemã", p.126

(2) OWEN, R., op.cit. , p.13

E logo adiante: "crianças podem ser treinadas para adquirir qualquer língua, sentimento, crença ou qualquer outro hábito ou mania, não contrários à natureza humana" (3). Novamente ressalta sua visão determinista e, agora, associada à concepção da "natureza humana", categoria esta que se sabe ser inteiramente a-histórica. É curioso que, para Owen, os homens possam ser frutos das circunstâncias e ao mesmo tempo "natureza humana" - isto é o mutável e o imutável ao mesmo tempo - sem que ele considere incompatíveis estas concepções.

É importante observar ainda a concepção elitista de Owen sobre o processo transformador: quem forma o caráter é a classe dominante.

Para Owen, no entanto, o caráter a ser formado não é o caráter individual, mas sim o de uma comunidade, de um país, etc. Segundo Cole, "por caráter ele se referia, essencialmente, não ao todo de uma pessoa, mas ao invés disto à estrutura de idéias morais, de valores e de tendências comportamentais ligadas a estes" (4).

De certa forma, essa concepção abrangente se aproxima do que hoje em dia se descreve como "ideolo-

(3) OWEN, R., op.cit., p.265

(4) COLE, G.D.H., op.cit., p.90

gia". Nesse sentido, pela riqueza ambígua de seu pensamento , Owen revela com grande antecedência o que muitos cientistas so ciais contemporâneos expõem como novidade: que a hegemonia ideo lógica numa sociedade segue a hegemonia econômica e política.

Owen reconhecia a existência de dife - renças individuais, de inclinações ou de tendências próprias a cada ser humano e sabia também que estas seriam influenciadas pelo meio. A ênfase que faz, porém, é na formação do caráter social.

Para Owen, se as circunstâncias forem adversas, o caráter resultará ruim. Este modo de pensar que poderia levar a aparente imobilismo, como observamos antes, em Owen leva, ao contrário, à ação concreta para a mudança radi - cal do meio. Como resultado deste pensamento tem-se que o ho - mem não merece recompensa nem castigo - o regime social é que precisa ser transformado, para que se previna o crime, ao in - vés de puni-lo, depois de cometido.

Influenciado por Bentham, que foi seu sócio em New Lanark, Owen afirma que a felicidade individual ' somente pode ser alcançada pela conduta que promova a felicidade coletiva. É o reconhecimento essencial da prevalência do co letivo sobre o individual. Deste pressuposto, Owen, chega à tese utópica de que as classes sociais não devem entrar em cho que

que, não deve haver luta de classes, mas, ao contrário, a harmonização "justa" de toda a sociedade. Owen de certa forma defende, pois, o que Tragtenberg chama de "teoria das harmonias administrativas"⁽⁵⁾. Segundo Owen a sociedade vinha sendo dirigida por princípios irracionais: o conflito social é para ele manifestação dessa irracionalidade. Só a harmonia poderia fazer uma nova sociedade justa. "Uma pequena reflexão por parte dos privilegiados assegurará esta linha de conduta; então, sem revolução doméstica - sem guerra ou derramamento de sangue - e sem, prematuramente, destruir qualquer coisa que exista, o mundo encontrar-se-á preparado para receber os princípios que, por si mesmos, poderão construir um sistema de felicidade..."⁽⁶⁾.

No exposto acima encontra-se a essência da utopia harmônica que se constitui na grande ilusão oweniana, que seria melhor compreendida, se levadas em conta a origem social de Owen e sua ascensão à classe dominante, embora isto não o absolva totalmente.

Para Owen, como resultado da teoria das circunstâncias, a alavanca de transformação é a educação e ele atribuí ao governo a obrigação de estabelecer planos educacionais. Em síntese, estes planos deveriam ser elaborados objetivando: a) Treinar as crianças para adquirir bons hábitos desde a mais tenra idade.

(5) TRAGTENBERG, M., "Burocracia e Ideologia", pp.58-89

(6) OWEN, R., op. cit., p.270

- b) Educá-las racionalmente.
- c) Seu trabalho deve ser dirigido para que seja útil.
- d) Prover tanto a saúde da mente quanto a do corpo"⁽⁷⁾.

A questão polêmica, já levantada anteriormente, é que Owen esqueceu-se de perguntar quem educa o educador.

(7) OWEN, R., op. cit., p.270

2.2 A EXPERIÊNCIA DE NEW LANARK

"Owen, que combinara na sua 'Cidade Modelo' o trabalho produtivo com o estudo, compreendera já que o ensino escolar iluminista era o futuro necessário da civilização de classes ociosas e não valia mais do que essas mesmas classes."

DANGEVILLE, R., "Crítica da Educação e do Ensino." , p.40

A tecelagem de New Lanark foi escolhida por Owen para se tornar uma colônia-modelo cujo sistema de administração ou de governo, como ele preferia chamá-la, basear-se-ia "... nos princípios de justiça e de igualdade e na abolição gradual de punições" (1). Owen criticava a forma de sociedade existente pois acreditava ser esta a responsável pela formação do caráter irracional do povo. Os "princípios verdadeiros" deviam substituir os "falsos" que eram as causas da ignorância, da miséria, do crime e do vício.

Em janeiro de 1800, Owen assume a direção de New Lanark e nesta permanece até 1824. "... Em sua fábrica, Robert Owen, desempenhava o papel de um Deus benévolo, porém onipotente. Quando descobriu que suas exortações não bastavam para fazer com que seus empregados se tornassem trabalhadores e honestos, Owen elaborou maneiras de vigiá-los e coibi-los" (2). (Este aspecto administrativo e outros encontram-se descritos, neste trabalho, na biografia de Owen).

Apesar de não ser ainda, neste período-

(1) OWEN, R., op.cit.,

(2) WILSON, E., op.cit., pp.91-92

do, um socialista, mas sim um reformador social, um filantropo, as concepções de Owen, sobre a organização racional da produção e a melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários, não foram compartilhadas por seus sócios. Estes venderam suas partes para um grupo capitalista. Mas, somente com a venda a um outro grupo, liderado por Willian Allen, um quaker e químico, cujos ideais de justiça social o aproximavam de Owen, é que este pode construir a escola de New Lanark. Anos mais tarde Allen faz objeções às aulas de dança, de canto e aos exercícios físicos e militares⁽³⁾.

"A sua escola só abre em 1816. Tem o nome de "Nova Instituição para a formação do carácter". A instituição ocupa no meio da aldeia um grande edifício de pedra que constitui um dos seus ornamentos. Em frente, um grande terreno serve para recreio. Há dois andares.

O rés-do-chão compreende três salas de iguais dimensões, com mais de quatro metros de altura, e nas quais colunas de ferro furadas e aquecidas interiormente mantêm uma doce temperatura. Estas salas servem para lições aos mais jovens.

O andar superior divide-se em dois locais. Uma grande sala de estudos com mais de quarenta metros de comprimento, catorze de largura e sete de altura, serve ao mesmo tempo de lugar de reunião pública em certos dias e de sala de aula para vários grupos ao mesmo tempo. Pode conter entre mil e mil e duzentas pessoas e está apetrechada com bancos, cadeiras, bancadas laterais - salvo do lado onde está a cadeira do professor - e com uma passagem livre ao meio.

O segundo local, mais pequeno, com os muros cobertos de gravuras, de representações de animais, de plantas, de minerais, de cartas geográficas, de um mapa-mundo mudo - todo um material de ensino visual - é usado para lições que necessitem deste material. Serve todos os dias para o ensino de canto e dança."⁽⁴⁾

(3) ROSSI, W., op.cit., p.81

(4) DOMMANGET, M., "Os grandes socialistas e a Educação." pp.200-201

Se há uma característica marcante na obra pedagógica de Owen é a coerência com que ele transpõe para a escola suas concepções mais amplas da vida social. Isto é salientado pelos diversos autores que o estudaram, desde o seu filho Robert Dale Owen até Dommanget na França contemporânea (5) e Rossi, no Brasil.

O socialismo idealista de Owen tinha claro que o objetivo da vida humana é a realização da "felicidade coletiva", da qual "a felicidade individual" decorreria quase que naturalmente. Para a realização da "felicidade coletiva" o que importa são as boas circunstâncias. A escola, portanto, como micro-realidade social, assim como a sociedade maior, deve gerar e manter circunstâncias adequadas para a realização da felicidade humana. Não é por outra razão que a Escola de New Lanark denominava-se "Nova Instituição para a Formação do Caráter" (6) (7).

Decorre desse princípio geral, baseado na "teoria das circunstâncias", que a educação geradora do

(5) DOMMANGET, M., op.cit., "Tudo o que pensa e escreve Owen é válido para a Escola e para a sociedade. Ele aplica à pequena sociedade que é a escola os princípios que devem, segundo ele, reger a sociedade humana. Transpõe para a infância o seu código dos adultos." , pp.198-199

(6) OWEN, R.D., "An Outline of the System of Education at New Lanark in British Labour Struggles; contemporary pamphlets, 1727-1750. "Tudo que, em sua última instância, aumenta a felicidade da comunidade, está correto, e de outro lado, tudo aquilo que tenda a diminuí-la está errado." , p.9

(7) BRAVO, G.M., "História do Socialismo" - "Daqui nascia a importância que ele atribuía a formação do caráter, isto é, a educação e a instrução das crianças, que ele concebia num sentido 'ativo'. As crianças como seres maleáveis, encontravam-se disponíveis para uma educação perfeita, que deveria ser-lhes ministrada pelos adultos da 'nova sociedade' e que elas próprias verificariam dentro de uma relação mútua de trocas em estreita ligação com a vida ativa, isto é, com o mundo do trabalho e da produção." , pp.56-57

ambiente propício ao desenvolvimento feliz do ser humano deve começar desde a mais tenra idade. Owen era fascinado pela educação pré-escolar, preconizava a iniciação escolar para as crianças desde um ano de idade. Este trabalho, que realizava com as crianças mais novas, no que hoje corresponderia ao jardim da infância, era objeto do seu próprio encantamento e deslumbrava não só os pais, mas todos os que visitavam New Lanark.

Se há um elemento fundamental, para a geração do ambiente sadio, propício à construção da felicidade, este é primeiramente a própria bondade inerente aos seres humanos, que florescerá em sua plenitude se o ambiente social criar circunstâncias positivas para seu desenvolvimento e generalização, e mais que isso, evitar o desenvolvimento das más circunstâncias que impedem a realização do potencial de bondade que as crianças trazem congênita e intrinsecamente. Começa a se delinear aí, um sistema pedagógico essencialmente não repressivo, que condena o artifício de estimulação manipulativa. Para Owen, tanto o prêmio como o castigo gerariam distorções artificiais, externas ao processo de desenvolvimento da criança, o que contraria suas crenças fundamentais na espontaneidade e bondade intrínseca ao ser humano, em quem ele acredita sobre todas as coisas (8) (9).

(8) OWEN, R.D., op.cit. "As crianças são governadas pela bondade e não pela severidade. Estimuladas, não por distinções, mas pela criação nelas do desejo de aprender o que lhes é ensinado.", p.9

(9) Ibid., "Todas as recompensas e punições de qualquer tipo, exceto aquelas que a própria natureza oferece e que não se pode eliminar em nenhum sistema, são cuidadosamente excluídas, por serem injustas em si mesmas e prejudiciais em seus efeitos.", p.9

Owen deve ter sofrido influência de Rousseau, especialmente no que se refere a prêmios e punições, mas não se encontra em seus livros, nenhuma referência explícita a essa fonte.

A escola de Owen, portanto, é uma escola se não "natural" pelo menos ligada ao cotidiano. Toda ela obedece a uma organização perfeitamente compatibilizada, por exemplo, com a questão da sazonalidade. No rigoroso inverno europeu, as crianças permaneciam mais tempo na escola, dobrando o período, enquanto nas estações mais amenas, quando as atividades naturais externas são possíveis, a escolarização o corria no período matutino, embora, para as crianças mais velhas, em idade de iniciação ao trabalho, ela se desenvolvesse no período noturno. Neste período, era facultado aos adultos e às crianças que trabalhavam durante o dia reunirem-se na escola para atividades culturais e sociais, tais como aulas de dança, canto, bem como a frequência à palestras educativas. Eis uma adequação clara à vida real, uma atenção direta ao cotidiano da comunidade e dos educandos⁽¹⁰⁾.

Os professores da escola de New Lanark foram escolhidos por Owen por suas próprias qualidades naturais, ele não queria professores viciados "no antigo siste

(10) DOMMANGET, M., op.cit. - "O dia de trabalho da criança repartia-se da maneira seguinte: sete horas de sono, meia hora de exercícios religiosos livres, segundo a religião dos pais, meia hora de cuidados de higiene, seis horas de exercícios corporais e divertimentos, dez horas de aulas ou trabalhos nas oficinas." , p.201

ma de instrução pelos livros" e que seguissem as determinações dos ministros das paróquias. Ele sentia a necessidade de formar o educador para uma escola nova. Por isso, escolheu um homem - James Buchanan - e uma mulher - Molly Young - entre seus operários e instrui-os de acordo com a sua teoria educacional. Estes, por sua vez, formaram vários outros professores que foram escolhidos entre os seus próprios alunos. Owen contratou professores para atividades específicas: canto, dança, ginástica e exercícios militares⁽¹¹⁾.

Enquanto a escolaridade infantil (jardim da infância) e a noturna eram absolutamente gratuitas, os pais das crianças entre 6 e 10 anos pagavam taxas módicas pelo benefício educativo. Lembremo-nos de que seus estudantes eram filhos de seus operários e de que Owen acreditava que o trabalho devia ser a única forma de se obter os bens e serviços necessários à vida humana.

Owen se preocupava ainda com os uniformes escolares. As crianças de New Lanark vestiam túnicas de algodão que se assemelhavam às vestimentas romanas, indo até os joelhos dos meninos e quase até os tornozelos das meninas. Esses uniformes eram trocados três vezes por semana e deviam ser mantidos limpos e arrumados. A naturalidade da educação de Owen não se coloca pois como negação à organização social (co-

(11) OWEN, R., op.cit., pp.140-145

mo no naturalismo ingênuo do "bon sauvage"), mas como reconhecimento de que o processo educativo se dá na dimensão concreta da existência de seus participantes.

As crianças do jardim da infância, que ele chamava de classes infantis (infant classes), tinham um horário menor de atividades na sala de aula, cerca da metade do tempo dos estudantes mais velhos, e completavam o período com "Diversões em perfeita liberdade na área livre, contígua à escola sob a responsabilidade de jovens que encontravam menos dificuldade - e sem violência ou punições - em tomar conta delas e mantê-las contentes e felizes..."(12).

O curriculum escolar incluía leitura, escrita, aritmética, corte e costura para as meninas, um complexo de matérias integradas em uma única disciplina que abrangia história natural, geografia e história antiga e moderna, e ainda matérias específicas de religião, canto, dança e educação física, incluindo atividades atléticas e militares.

O modelo de educação implantado por Owen baseava-se em sinais sensíveis (sensible signs) que são os próprios objetos, modelos ou pinturas. Owen acreditava que os alunos deveriam conhecer primeiro a natureza, seus objetos e não os sinais artificiais que os representam⁽¹³⁾. E é por essa

(12) OWEN, R.D., op.cit., p.32

(13) DANGEVILLE, R., "Crítica da Educação e do Ensino". "Ora, se o pensamento teórico da criança é quantitativo, a sua opinião bem como o seu pensamento só podem ser para começar práticos e sensíveis. A rede sensível é a primeira conexão que a liga ao mundo." , p.230

razão que achava que o aprendizado da leitura não deveria se iniciar antes dos sete anos. Contudo, em New Lanark, devido à pressão dos pais, esta acabou por se iniciar antes dessa idade. O aprendizado da leitura e da escrita era considerado, por Owen como um meio para se chegar a um fim, e não um fim em si mesmo⁽¹⁴⁾.

Como as crianças deviam ser dirigidas para leituras que pudessem compreender, os livros de viagens ilustrados com mapas e pequenas histórias (sinais sensíveis) eram os mais utilizados. O ensino se fazia através do sentido da leitura e não pelas palavras em si mesmas.

O ensino aritmético baseou-se, no início, nos métodos tradicionalmente empregados até então. Mais tarde, Owen passou a adotar, para as classes mais adiantadas, um sistema de aritmética mental baseado em Pestalozzi.

Geografia, História Natural, História Antiga e Moderna eram classificadas juntas devido ao fato de possuírem o mesmo método de ensino. No início, as aulas dessas matérias eram dadas para classes de 120 a 150 alunos, depois para classes de 40 a 50 alunos. Estas aulas eram sempre enriquecidas com ilustrações (sinais sensíveis).

(14) OWEN, R., op.cit. "As crianças não deveriam ser aborrecidas com livros, mas deveriam ser ensinadas a natureza ou qualidade e os usos das coisas comuns que as rodeavam, através da conversa familiar dirigida de forma a despertar a curiosidade e levá-las a fazer perguntas referentes a estas". , p.140

História Natural era lecionada inclusive para as classes infantis. Ao iniciar o curso, os alunos a prendiam a divisão da natureza em mundo animal e mundo vegetal. O interesse levantado entre os alunos, mesmo entre os menores, era muito grande e todos aprendiam rapidamente. As aulas eram ministradas com desenhos, todos na mesma escala, que eram pendurados nas paredes das salas de aula . As representações botânicas eram pintadas em talagarças, colocadas em cilindros e que eram desenroladas à medida do necessário. Muitos de nossos contemporâneos se familiarizaram com ilustrações do gênero, largamente usadas até os anos 60 em nossos cursos primários.

As crianças da escola de New Lanark a prendiam geografia com mapas do mundo todo. Depois das aulas , divididas por turmas, todos os alunos eram reunidos em "...uma única sala e começavam os exercícios em um mapa enorme que quase cobria o fundo da sala. Neste mapa estavam delineadas as divisões usuais, mas sem os nomes dos países e das cidades. Só constavam, em seus lugares, círculos pequenos, mas distintos . Um bastão leve, comprido servia para apontar. Uma das crianças tomava o bastão e uma outra pedia que lhe apontasse no mapa um determinado país, cidade ou lugar. Isso era feito até que ela não conseguisse localizar o local pedido, então entregava o bastão ao questionador" (15) . Nota-se aqui a introdução de certo espírito emulativo, tão a gosto da educação jesuíta da " Ratio

(15) OWEN, R., op. cit , p.144

Studiorum".

Para o ensino da história eram utilizados sete grandes mapas ou quadros divididos por séculos, representados em cores diferentes e neles eram pintados acontecimentos de cada país. Desta forma, as crianças podiam não somente localizar os acontecimentos históricos de cada país no tempo mas também tomavam conhecimentos da evolução de cada um dos países. Ver a semelhanças com as idéias pedagógicas de Campanella na "Cidade do Sol".

Pode parecer curiosa a incorporação da religião ao curriculum da escola de Owen. Engels lembra que, segundo Owen, três eram os obstáculos para uma reforma social: "A propriedade privada, a religião e a forma atual do casamento" (16). É claro então que Owen não desejava ter incluído no curriculum de New Lanark aulas de religião, mas tal fato ocorreu para satisfazer os desejos dos pais dos alunos. Desta forma, os alunos liam a Bíblia sistematicamente. Apesar de "utópico", Owen demonstra aqui mais realismo do que muitos "radicais" da atualidade que não conseguem perceber que o avanço social não se dá sem a incorporação da realidade concreta da vida das pessoas, que condiciona a forma e o ritmo desse avanço.

As aulas de iniciação musical eram mi

(16) ENGELS, F., "Do Socialismo utópico ao Socialismo Científico"., p.312

nistradas às crianças acima de cinco anos de idade. O coral era uma das atividades muito apreciadas, tanto pelos participantes quanto pelos visitantes de New Lanark.

A dança era "ensinada como um exercício natural, sadio e social"⁽¹⁷⁾. Além das danças populares, tanto aos meninos como as meninas, eram ensinados alguns exercícios militares que os ajudavam a melhorar a postura e a maneira de andar. Esses exercícios não eram rígidos nem muito demorados.

Do exposto acima, pode-se notar a similaridade da concepção educativa de Owen com o conteúdo do ensino socialista definido por Marx nas suas "Instruções aos delegados", que foi entregue aos delegados do comitê provisório de Londres ao 1º Congresso da Associação Internacional de Trabalhadores em Genebra. De acordo com estas "Instruções":

"Por ensino compreendemos três coisas:

1º) Ensino intelectual.

2º) Educação física, dada nas aulas de ginástica e por meio de exercícios militares.

(17) OWEN, R.D., op.cit., p.70

3º) Adestramento tecnológico que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduzirá a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios" (18).

A escola de Owen abrigava um número expressivo de estudantes, conforme pode-se verificar pela tabela abaixo, transcrita do livro de Podmore (19).

Do Registro Geral

	Idade	Dia	Noite	Total	
	03-06	41	-	-	Classe preparatória.
	06-10	104	-	145	
MENINOS	10-15	-	124	-	Leitura, escrita, a-
	15-20	-	49	-	ritmética, música,
	20-25	-	1	174	dança e exercícios militares.
	03-06	39	-	-	Classe preparatória.
	06-10	90	-	-	
				129	
MENINAS	10-15	-	220	-	Leitura, escrita, a-
	15-20	-	52	-	ritmética, costura,

(18) MARX, K., apud MANACORDA, M., "Marx e a Pedagogia Moderna", p.38

(19) POEMORE, F., op. cit., p.136

20-25	-	39	-	dança e música.
				311
	274	485	-	
			759	Média de atendimen-
				to 622, diariamente.

Um ponto altamente relevante na concepção educativa de Owen e que o levou a obter decidido reconhecimento dos pósteros da construção de uma educação social, sobretudo do próprio Marx⁽²⁰⁾, foi a clareza com que, não apenas anteviu a necessidade, mas praticou efetivamente, a associação entre a educação e o trabalho. De um lado, trouxe para a escola os trabalhadores, até então mantidos, em toda Europa, na mais absoluta ignorância e, de outro, estimulou a prática do trabalho pelos estudantes de sua escola, quer como trabalho escolar (corte e costura e atividades manuais), quer como trabalho produtivo através do sistema de estágio para aprendizes nas fábricas (apprentice) e pela consorciação de um período de escolaridade, quase sempre noturno, com um período de trabalho efetivo na fábrica para os alunos mais velhos. Essa associação de trabalho e educação ganharia foros de princípios fundamentais de toda educação socialista nos seus desdobramentos futu-

(20) MARX, K. "O Capital - Livro I". "Do sistema fabril, conforme expõe pormenorizadamente Robert Owen, brotou o germe da educação do futuro que conjugará o trabalho produtivo de todos os meninos além de uma certa idade com o ensino e a ginástica, constituindo-se em método de elevar a produção social e de único meio de produzir seres humanos plenamente desenvolvidos".p.554

ros (21).

As concepções educativas de Owen so - bressaem, sobretudo, pela capacidade de romper com o tradicional, com o "geralmente aceito" de sua época e por colocar em questão pontos fundamentais retomados pela educação moderna (22), mesmo quando esta retomada tenha ensejado uma crítica da primeira abordagem Oweniana.

Assim, ao lado da inovação fundamental que foi a associação educação-trabalho, Owen rompeu também com o mito da severidade escolar, numa época em que a palmatória e a violência do professor contra o estudante eram práticas absolutamente generalizadas e aceitas. Ele propõe uma escola de bondade, de carinho, de compreensão e de exemplo, introduzindo temas até hoje centrais na discussão da relação educando-educador.

Ao contrário da pura competitividade, estimulada por tantos educadores, Owen propões a "cooperação" através de ensino mútuo de aprendizado em que os estudantes

(21) MANACORDA, M., "Marx e a Pedagogia Moderna." "Mas já é tipicamente socialista a união do ensino e do trabalho de fábrica (se entendermos assim - como parece o anglicanismo ou francesismo "Fabrikation") que Engels aliás não inventa, pois já encontra enunciada e atualizada pelos utopistas e, em particular, por Robert Owen"., pp.25-26

(22) MARX, K. apud DANGEVILLE, R. "Crítica da Educação e do Ensino". "Neste capítulo, Marx evoca o movimento econômico que suscita, no início revolucionário do capitalismo, o programa de educação que prepara o pleno desenvolvimento do homem sob o socialismo. Contrariamente aos utopistas que ligavam a educação a um trabalho produtivo desusado ('artesanal') ou parcial (agrícola), Owen ligou a educação ao trabalho produtivo na manufatura moderna"., p.203

formam pequenos grupos de estudo cooperativo (transposição para a escola de suas idéias sobre cooperativismo) (23).

Esse embrião cooperativo entre os estudantes tinha também um sentido político mais geral de valorização do associativismo, isto é, desenvolvimento do espírito associativo, tão importante para o posterior desenvolvimento do sindicalismo entre os trabalhadores. Segundo Engels:

"Foi ele (Owen) quem presidiu o primeiro congresso em que as trade-unions de toda a Inglaterra fundiram-se numa grande organização sindical única. E foi também ele quem criou, como medidas de transição, para que a sociedade pudesse organizar-se de maneira integralmente comunista, de um lado, as cooperativas de consumo e de produção - que serviam, pelo menos, para demonstrar na prática que o comerciante e o fabricante não são indispensáveis - e de outro lado, os mercados operários, estabelecimentos de troca dos produtos do trabalho por meio de bonus de trabalho e cuja unidade é a hora de trabalho produzido..." (24)

Da mesma forma a crítica ao uso de estimulantes externos, prêmios e castigos, na formação das crianças antecipa, em quase dois séculos, a crítica contemporânea ao renascimento do autoritarismo, consubstanciado pela disseminação do controle comportamental na escola, reintroduzido pela psicologia behaviorista. As razões de Owen para se opor à manipulação comportamental, ainda que se coloquem num nível quase intuitivo, só ganharam, na discussão atual, contornos mais

(23) Sobre a importância de Owen para a história do cooperativismo ver: HOLYOAKE, G. - The history of co-operation in England; THOMPSON, E. P. - The Making of English Working Class; COLE, G. D. H. - Socialist Thought: the Forerunners e KARATAEV, R. S. y outros - História de las Doctrinas Economicas.

(24) ENGELS, F., "Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico", pp. 312-313

científicos, sem deixar contudo de permanecerem intrinsecamente válidas (25).

A questão da autoridade e da obediência, na visão oweniana, demonstra que este não abria mão de uma certa diretividade, baseada sempre na compreensão da relação educando-educador ou orientando-orientador. Na escola de New Lanark, segundo Robert Dale Owen "Obediência nunca é confundida com covardia e, por isto mesmo, obediência é popular... Os professores são amados e não temidos, e isto, sem nenhuma diminuição em sua autoridade, quando quer que julguem necessário exercitá-la" (26).

(25) Ver KOESTLER, A. "O Fantasma da Máquina".

(26) OWEN, R.D., op. cit., p.24

2.3 A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA DE NEW HARMONY

"Sua reivindicação de igualdade dos sexos, sua vontade de secularizar a vida pública, sua revolução permanente lhe conferem uma imagem de vanguarda libertária para a época. Esta associação pode reivindicar-lhe uma posição pioneira neste período; em certos pontos ela jamais foi ultrapassada; uma pedagogia que recusa a divisão do trabalho em trabalhos intelectuais e manuais, uma associação dos maiores sábios americanos da época com os camponeses e obreiros: Acreditou-se sonhar".

CREAGH, R. "Laboratoires de l' Utopie", p.13

A partir de 1821, Owen assume uma posição comunista, poder-se-ia talvez dizer melhor, comunitarista⁽¹⁾. Suas declarações contra a religião, a propriedade privada e a forma de casamento, nestas baseadas, começam a colocar contra ele os políticos e a igreja. E Owen, assim como Cabet⁽²⁾ e Fourier⁽³⁾, decide tentar colocar em prática suas idéias no Novo Mundo, que já vinha estudando há algum tempo, porque dizia sentir que a Europa estava doente.

Em 1824, toma conhecimento que a comunidade de Harmony, em Indiana, nos estados Unidos, fundada por George Rapp e na qual viviam imigrantes alemães perseguidos em seu país de origem, por suas crenças religiosas, estava à venda. Esta era a segunda colônia rappista e, como as demais, ha-

(1) LAIDLER, H., "History of Socialist Thought", p.116

(2) EDMUND, W., op. cit., "A Utopia Comunista". "A utopia de seu romance tinha um presidente e um sistema parlamentar calcados na Convenção Revolucionária francesa e na constituição americana: porém, uma vez fundada a comunidade na prática, Cabet houve por bem impor-se como ditador, e tudo indica que estava longe de ter a superioridade espiritual autêntica de um Robert Owen ou um Noyes. Foi o mais burguês dos líderes comunistas", p.105

(3) Ibid., "Fourier - Harmonia". "Fourier afirmava que a natureza humana podia ser desmontada, como o conteúdo de uma caixa de ferramentas, e separada em um número limitado de "paixões" humanas - ou seja, instintos e interesses - que haviam sido concedidos por Deus para diferentes objetivos. Todas eram necessárias, e o problema da sociedade moderna era simplesmente o fato de que estas "paixões" estavam sendo usadas erradamente. Bastava que as paixões apropriadas fossem utilizadas para os objetivos corretos para que se instaurasse o reino da "Harmonia", p.89

via sido construída de acordo com um plano urbanístico que a diferenciava das demais comunidades dos pioneiros da época⁽⁴⁾.

Segundo Creagh, em seu magnífico livro sobre as comunidades libertárias nos Estados Unidos, as quais ele denomina "Laboratórios de Utopia", é "o filantropo socialista gaulês Robert Owen que, em 1825, soa o sino de alarme nos Estados Unidos. No ano seguinte, ele funda New Harmony, no Estado de Indiana. Graças a ele, o elan religioso abandona os objetivos sobrenaturais que haviam inspirado os Shakers, os Rappistas e tantos outros, ele se concentra em uma missão de regeneração político-econômica"⁽⁵⁾.

Owen pagou em torno de 140.000 dólares pelos 20.000 acres de terra, com uma pequena parte cultivada, mas com terras extremamante férteis e uma aldeia completa, com casas, jardins, quatro prédios amplos que serviam de residências comunitárias, igrejas, celeiro, quatro moinhos, uma fábrica de seda, destilarias e vários teares mecanizados.

Owen proferiu várias palestras nos Estados Unidos, em diferentes locais, inclusive em discurso na Câmara dos representantes de Washington que contou com a presença do presidente americano. Owen já era conhecido nos Estados Unidos como industrial de êxito e reformador social.

(4) UNGERS, L. y O.M. "Comunas en el Nuevo Mundo: 1740-1971", p.89

(5) CREAGH, R., "Laboratoires de l'Utopie", p.10

Alguns trechos de "A New View of Society" já haviam sido publicados em Nova York. Desta forma, o seu apelo e a sua fama trouxeram para New Harmony cerca de 800 pessoas, que foram imediatamente aceitas, sem qualquer tipo de seleção. Entre estas pessoas encontravam-se, de um lado cientistas, intelectuais, artistas e idealistas, de outro, um grande número de aventureiros. Estes últimos sentiram-se atraídos por New Harmony, pois, diferindo das outras comunidades da época, nesta os ingressantes contavam com toda infraestrutura de trabalho e de moradia, sem correr risco algum em relação ao dinheiro e bens que trouxessem consigo, porque estes lhes seriam restituídos quando resolvessem abandonar a comunidade.

Devido a heterogeneidade na formação da população, Owen planejou uma Sociedade Preliminar, dirigida por um comitê de administradores indicado por ele, por um período de dois a três anos. Terminado esse período, o sistema de gestão passaria a ser o de uma comunidade comunista.

Em junho de 1825, um pouco depois da fundação de New Harmony, Robert Owen volta a Londres, deixando em seu lugar seu filho William. Quando retorna, em dezembro do mesmo ano, em companhia de Robert Dale Owen, vários cientistas famosos juntam-se a eles e descem de barco para Indiana, numa viagem que ficou conhecida como "The Boaltload of Knowledge". O líder destes cientistas, William Maclure, geólogo

nascido na Escócia, um dos fundadores da "Academia de Ciências da Filadélfia", e seu presidente por muitos anos, associa-se a Owen investindo em New Harmony, capital e trabalho. Maclure já conhecia Owen, pois havia visitado New Lanark e, a educação das crianças deixou-o realmente encantado, apesar de não concordar com as concepções políticas de Owen, principalmente no que se refere a sua crença ingênua de que poderia convencer os ricos e os poderosos da necessidade de reconstrução social e levá-los, assim, a cooperar. "Alguns analistas, comparando os ideais de Owen e Maclure, consideraram que sua oposição era a que se estabelece entre reforma e revolução. As concepções políticas de Owen já foram expostas acima. Maclure acreditava, por seu lado, que os homens precisavam libertar-se através de sua própria ação e que uma mudança social fundamental só poderia ser levada a efeito pela própria classe trabalhadora⁽⁶⁾.

Ao retornar a New Harmony, Owen, satisfeito com a prosperidade material e com o espírito de cooperação da comunidade, decide antecipar a instalação da Comunidade de Igualdade, cujo sistema de administração seria o de autogestão e, onde reinaria igualdade absoluta. A comunidade foi dividida, então, em seis departamentos: a) agropecuária, b) artesanato e fabricação, c) literatura, ciências e educação, d) administração geral e economia, e) administração interna e f) comércio. Em cada um dos departamentos, os maiores de 16

(6) ROSSI, W., op.cit., p.95

anos elegiam um representante. Estes representantes, juntamente com três membros gerais, eleitos pelos maiores de 21 anos, formavam um conselho que deveria dirigir a comunidade, através da organização de assembléias plenárias que lhe forneceriam as diretrizes para esse desiderato. Este sistema não funcionou e Owen foi chamado para dirigir pessoalmente a comunidade⁽⁷⁾.

A educação ficou a cargo de Maclure, que a conduziu como um empreendimento à parte. Ele comprou de Owen terras e prédios e formou a "Education Society". Aproximadamente, 400 crianças, a partir de dois anos, frequentavam-na. O ensino era misto e entre os pedagogos haviam três professores do sistema Pestalozzi, dois filhos de Owen e Mme. Fretageot que cuidava do jardim da infância.

Owen acusou a orientação de Maclure na "Education Society" como uma das causas do fracasso da experiência, mas na realidade o sistema escolar continuou funcionando, mesmo depois desta ser extinta, e, foi por muito tempo, o principal centro científico e educacional do oeste americano, principalmente, "foi o verdadeiro centro da geologia americana até sua transferência para o 'Smithsonian Institute'⁽⁸⁾.

Além da educação das crianças, Owen, como se sabe, também se preocupava com os adultos e, para sua

(7) UNGERS, op. cit., pp.61-62

(8) HOLYOAKE, G., "The History of Cooperation in England: its literature and its advocates". apud ROSSI, op. cit., p.97

formação, foram criadas bibliotecas e, freqüentemente, organizavam-se concertos, palestras e representações teatrais. É uma concepção ampla da escola como centro de cultura.

A constituição da Comunidade de Igualdade assegurava às mulheres igualdade de direitos, inclusive os eleitorais. Robert Dale Owen, mais tarde eleito para o Congresso Americano, reformou, em Indiana a lei do divórcio, em favor da mulher e, especialmente, quanto a seu direito de administrar seus bens.

Encontrava-se também em New Harmony, Frances Wright, uma das primeiras feministas dos Estados Unidos e uma das primeiras cidadãs de New Harmony. Ela lutou pelo sufrágio universal, pelos direitos das mulheres e pela libertação dos escravos e seu direito ao ensino. Chegou a fundar uma comunidade cuja população era formada de famílias de escravos por ela comprados.

Dois meses antes de deixar New Harmony, Robert Owen proferiu um discurso para a população da comunidade. Neste ele recapitula a história desta experiência social que estava para findar.

"... Eu vim para cá com o propósito de tentar o que poderia ser concretizado, neste país, para aliviar meus companheiros da superstição e da degradação mental, de tal forma que se tivesse alcançado sucesso, o experimento poderia se tornar

um exemplo a ser seguido por todos e do qual todos se beneficiariam.

Eu tentei aqui um novo rumo para o qual eu achava que 50 anos de liberdade política haviam preparado a população americana, isto é, autogovernar-se proveitosamente. Eu provi terra, casas e muito capital... Mas a experiência de tentar reunir um determinado número de estranhos, que não haviam sido previamente educados para o propósito de praticar atos de interesse comum e de viver como uma só família, foi prematura"⁽⁹⁾.

Para encerrar este capítulo, escolhemos o início do livro de Creagh:

"A Utopia vivida

Em 1966, os cidadãos americanos descobriram, consternados, a súbita fascinação de seus filhos por estranhos grupos que instalados em fazendas abandonadas recusaram os benefícios da civilização mais avançada do mundo e abandonaram os refinamentos da cidade para voltar ao estado selvagem. Este movimento retrógrado da história, este retorno paródico à era dos pioneiros americanos, reclamava uma explicação que se pediu aos historiadores; os quais responderam que 'a comunidade utópica' era 'uma curiosa reativação de uma tradição morta' e, de qualquer forma, 'uma anomalia' da época contemporânea. Dois anos mais tarde, o território nacional estava repleto de 'comunidades utópicas'; os jornalistas e os institutos públicos calculavam seu número em dois ou três milhares, mais que em qualquer outro momento da história. A tradição morta estava bem ressuscitada"⁽¹⁰⁾.

(9) New Harmony Gazette, vol.III apud. PODMORE,F., pp.322-323

(10) CREAGH,R., op. cit., p.7

CONCLUSÃO

Como procuramos mostrar neste trabalho, Robert Owen foi, talvez, o mais sugestivo dos pensadores utópicos e, mais que isso, por sua atividade prática, pode ser visto como um elo de transição entre a utopia e a construção concreta da transformação social. Esta característica ímpar talvez justifique o fato de ser, sobretudo no campo educacional, o autor cuja obra mais permita inferências, relações e a retomada crítica pelos educadores contemporâneos preocupados em encontrar novos caminhos para a elaboração de uma pedagogia transformadora.

Os grandes temas da pedagogia contemporânea, sobretudo aqueles referentes à capacidade da classe trabalhadora de definir, também no campo educacional, uma visão autônoma e contra-ideológica à educação dominadora, estão esboçados na obra e na atuação prática de Owen.

Nele encontramos o cerne de toda educação socialista que é a associação entre trabalho produtivo e educação num único processo que incorpora a integralidade do ser humano e supera as dicotomias tradicionais da educação que separavam e antepunham teoria e prática, ação e reflexão, trabalho manual e intelectual, saber e não saber, dizer e fazer, gerência e execução, como reflexo da antinomia fundamental, na sociedade de classes, entre burguesia e proletariado.

Owen levanta ainda questões que mesmo

a educação revolucionária contemporânea não conseguiu resolver. A questão da autoridade e do autoritarismo em que Owen demonstra a possibilidade, ainda tênue em seu trabalho, de uma auto-organização da escola, como de uma autogestão dos trabalhadores. Faz, com antecedência extraordinária, uma crítica à manipulação dos comportamentos humanos, criticando um sistema de prêmios e castigos que viria embasar, ainda na atualidade, toda a formulação autoritária de cunho behaviorista. Privilegia a fábrica, enquanto local de aprendizado, coloca a escola como centro cultural da comunidade, levanta a questão da relação educando-educador como uma relação de respeito recíproco, e portanto, de interação e, finalmente, questiona a relação pedagógica e a própria escola como um instrumento e local de relações ambíguas de dominação e libertação. Coloca-se, também, na vanguarda da defesa da ciência, enfrentando os mitos tradicionais e que remanescem, ainda hoje, na forma de imposição religiosa às crianças.

Toda essa rica temática é atual quase um século e meio depois de ter sido por ele levantada. Eis o sentido conclusivo de nosso trabalho: colocar em questão, apropriando-se de sua contribuição localizada historicamente no tempo, confrontada com a realidade concreta em que viveu, enriquecida pela sua experiência existencial, a temática oweniana como elemento de reflexão para os educadores contemporâneos comprometidos na busca permanente de uma educação trans-

formadora.

Se o texto sugerir debates, discussões, reelaborações, permitir avanços na compreensão crítica do processo pedagógico entre companheiros educadores o trabalho terá alcançado o seu objetivo, porque a elaboração de uma pedagogia nova, de uma educação do trabalho, como educação dos trabalhadores para a liberdade, para a justiça e para a construção da sociedade nova, igualitária e fraterna, não é trabalho individual de "iluminados", mas fruto histórico da luta de uma classe para que todas as classes deixem de existir na universalidade da sociedade sem classes com que, há tanto tempo, Owen foi capaz de sonhar.

RESUMO

As relações entre trabalho, educação, direção e autoridade, em seus aspectos psicossociais, administrativos e psicopedagógicos, têm seduzido, desde há muito, os especialistas que abordam estes temas sob pontos de vista diversos. Elegemos para objeto de estudo destas relações, o trabalho de Robert Owen em New Lanark, na Escócia e, em New Harmony, nos Estados Unidos, no início do século XIX.

No primeiro capítulo deste estudo, tentamos descrever em rápidas pinceladas o background histórico em que se inserem a vida e a obra de Owen. A seguir, foi feito um levantamento biográfico de Owen, situando-o no conjunto de sua época. Dando continuação, fizemos um breve relato da história da educação popular até chegarmos em Owen.

Para iniciar o segundo capítulo, colocamos as idéias sociais de Owen - embasadas na "teoria das circunstâncias" para a qual o homem é produto do meio ambiente - que são a sustentação teórica de sua prática. A seguir, descrevemos a experiência de Owen na fábrica têxtil de New Lanark dando ênfase à escola e discutindo suas idéias pedagógicas, que mais tarde foram retomadas por Marx e Engels. Em seguida, relatamos a formação e a organização da comunidade libertária de New Harmony, tentando mostrar o seu caráter de atualidade.

Concluimos que a proposta pedagógica

de Owen coloca-o entre aqueles que defendem uma crescente integração entre trabalho e educação, através da incorporação deste como instrumento pedagógico essencial e, pela sua inclusão, como conteúdo educacional sobre o qual a educação deveria constituir uma reflexão crítica própria, que permitisse um melhor conhecimento do mundo do trabalho e das relações que nele se desenvolvem. É a chamada "Pedagogia do Trabalho".

Tentamos demonstrar também, no decorrer de nosso estudo, que o pensamento utópico enquanto elemento de confronto com a sociedade injusta, enquanto sonho de justiça, enquanto conquista de adesões para a necessidade de transformação social, enquanto momento em que a "revolução ganha os corações", teve e tem um valor extraordinário no processo concreto de luta para mudança das relações sociais injustas que ainda perduram em nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AFANÁSSIEV, V. - Os Fundamentos do Comunismo Científico, Moscou, Ed. Progresso, 1985.

ARMYTAGE, W.N.G. - Heaven Below - utopians experiments in England - 1560-1960, London, Routledge and Kegan Paul, 1961.

BEER, Max - A História do Socialismo e das Lutas Sociais: da antiguidade aos tempos modernos, Lisboa, Ed. Centro do Livro Brasileiro.

BRAVO, Gian Mario - História do Socialismo, vol.III, Lisboa, Publicações Europa-América, 1977.

BUBER, Martin - O Socialismo Utópico, São Paulo, Ed. Perspectiva, s/d.

CEPEDA, Alfredo - Los Utopistas - Owen - Saint Simon-Fourier - Leroux - Considerant, Buenos Aires, ed. Futuro, s/d.

COLE, G.D.H. - Socialist Thought - The Forerunners - 1789-1850, vol. I, London, MacMillan and Co. Ltda., 1955.

CREAGH, Ronald - Laboratoires de l'Utopie- Les Communautés Libertaires aux États-Unis, Paris, Payot, 1983.

DANGEVILLE, Roger - Crítica da Educação e do ensino, 1ª. ed., Lisboa, Moraes Editores, 1978.

DOIG; Ivan - Utopian America: Dreams and Realities, N.J., Hayden Books, Rochelle Park, 1976.

DOMMANGET, Maurice - Os Grandes Socialistas e a Educação, Braga, Publicações Europa-América, 1964, p.193.

EBENSTEIN; Willian - Today's ISMS: Communism, Fascism, Capitalism, New Jersey, 5ª. ed., Prentice-Hall Inc., 1967.

ENGELS, Friedrich - Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, in : Obras Escolhidas, vol.II, São Paulo, Ed. Alfa-Omega, pp.281-336, s/d.

ENGELS, Friedrich - A situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra, Lisboa, Editorial Presença, 1975, 446 páginas.

HOBSBAWN, E.J. - Industry and Empire: An Economic History of Britain Since 1750, London, 1968.

HOBSBAWN, E.J. - Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

HOBSBAWN, E.J. - Revolutionaries, New York, Pantheon Books, 1973.

HOBSBAWN, E.J. - A Era das Revoluções: Europa - 1789-1848, 4ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982.

- GUILLERM, Alain e BOURDET, Yvan - Autogestão. uma mudança radical, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- HOFMAN, Werner - História de Las Ideas Sociales de los Siglos XIX Y XX, México, Ed. Hispano Americana, s/d.
- HOLYOAKE, George U. - The History of Co-Operation in England ; its literaturs and its advocates, New York, A.M.S. Press , 1971.
- KARATEAEV, RYNDINA, STEPANOV e outros - História de las Doctrin Economicas, vol. I, México, Editorial Grijalbo S/A , 1964.
- KOLAKOWSKI, Leszek - Main Currents of Marxism, vo. I, The Founders, London, Oxford University Press, 1981.
- KOSIK, K. - Dialética do Concreto, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- LAIDLER, Harry - A History of Socialist Thought, New York, Thomas Y. Crowell Company, s/d.
- MACKENZIE, Norman - Socialism: A Short History, London, Hutchinson and Co. (Publishers) Ltda, 1949.
- MARX, Karl - O Capital, livro I (vol.1 e 2), Rio de Janeiro ,

6ª. ed., Ed. Civilização Brasileira, S/A, 1980.

MARX, K. e ENGELS, Friedrich - Obras Escolhidas, 3 volumes ,
São Paulo, Editora Alfa-Omega, s/d.

MARX, K. e ENGELS, F. - A Ideologia Alemã - (Feuerbach) Hucitec,
São Paulo, 5ª. ed., 1986.

NOMAD, Max - Political Heretics from Plato to Mao Tse-Tung ,
Michigan Press, 1964.

NORTON, A.L. - Textes Choisis - Robert Owen, Paris, Ed. Socia-
les, s/d.

OWEN; Robert - The Life of Robert Owen: written by himself, New
York, Sentry Press, 2 volumes, 1967.

OWEN, R. Dale - An Outline of the System of education at New
Lanark in British Labour Struggles: contemporary pamphlets -
1727-1850, New York, Arno Press, 1972.

PEELING, Henry - The Challeng of Socialism, London, Adam and
Charles Black, s/d.

PODMORE, Frank - Robert Owen: A biography, New York, Sentry
Press, 1968.

POLANYI, Karl - A Grande Transformação: As Origens da nossa época, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980, página 171.

SNYDERS, Georges - Para onde vão as Pedagogias Não-Diretivas, Lisboa, Moraes Editora, 1974.

ROSSI, Wagner Gonçalves - Capitalismo e educação, São Paulo , Ed. Cortez e Moraes, 1978.

ROSSI, Wagner Gonçalves - Pedagogia do Trabalho: Raízes da Educação Socialista, São Paulo, vol. I, Editora Moraes , 1981.

ROSSI, Wagner Gonçalves - Pedagogia do Trabalho: Caminhos da Educação Socialista, São Paulo, vol. II, editora Moraes , 1982.

THE NEW CAMBRIDGE MODERN HISTORY - vol.VIII e vol. IX

TRAGTENBERG, Maurício - Burocracia e Ideologia, 1ª. ed., São Paulo, Ed. Ática, 1977.

TRAGTENBERG, Maurício - Administração, Poder e Ideologia, São Paulo, Ed. Moraes, 1980.

TRAGTENBERG, Maurício - Sobre Educação Política e Sindicalismo, vol. I, São Paulo, Ed. Autores Associados & Cortez, 1982.

THOMPSON, E.P. - The Making of the english Working Class, Vintage Books, 1966.

UNGERS, Lisvelotte Y.O.M. - Comunas en el nuevo mundo: 1740 - 1971, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S/A, 1978.

WILSON, E. - Rumo à Estação Finlândia: Escritores e Atores da História, São Paulo, Companhia das Letras, 1986.